



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE ARIQUEMES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

JOELMA SANTOS GOMES

**ORALIDADE E LETRAMENTO: Um estudo sobre a concepção dos
professores do ciclo de alfabetização**

ARIQUEMES-RO
2016

UNIR- FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE ARIQUEMES

JOELMA SANTOS GOMES

**ORALIDADE E LETRAMENTO: Um estudo sobre a concepção dos
professores do ciclo de alfabetização**

Monografia apresentada como
Trabalho de Conclusão do Curso de
Pedagogia – Habilitação em Séries
Iniciais do Ensino Fundamental e Gestão
Escolar, da Universidade Federal de
Rondônia, no segundo semestre de
2015.

ARIQUEMES-RO
2016

Dados de publicação internacional na publicação (CIP)

Biblioteca setorial 06/UNIR

G633o

Gomes, Joelma Santos

Oralidade e letramento: um estudo sobre a concepção dos professores do ciclo de alfabetização. / Joelma Santos Gomes. Ariquemes-RO, 2016.

46 f. : il.

Orientador (a): Prof.(a) M.e Márcia Ângela Patrícia.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Fundação Universidade Federal de Rondônia. Departamento Pedagogia, Ariquemes, 2016.

1. Oralidade. 2. Alfabetização. 3. Letramento. I. Fundação Universidade Federal de Rondônia. II. Título.

CDU: 37.014.22

Bibliotecária Responsável: Érica Elaine Costa, CRB: 11-860.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE ARIQUEMES**

Criado pela Resolução 006/CONSUN, de 16 de maio de 2007.

Av. Tancredo Neves, 3450 - Centro/ Ariquemes-RO / Cep: 76.872-848

Fone/Fax: (69) 3535-3563/ E-mail: campusariquemes@unir.br

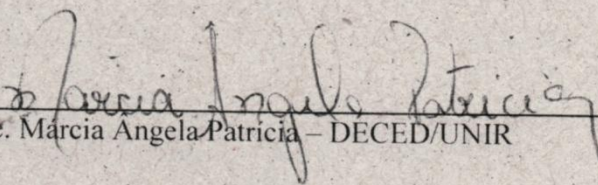
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - DECED

JOELMA SANTOS GOMES

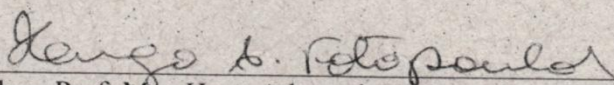
**ORALIDADE E LETRAMENTO: UM ESTUDO SOBRE A CONCEPÇÃO DOS
PROFESSORES DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

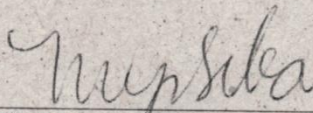
Banca Examinadora



Prof. M.e. Marcia Angela Patricia – DECED/UNIR



Membro: Prof. M.e. Hugo Athanasios Fotopoulos – DECED/UNIR



Membro: Prof.ª Esp. Maria Norma Lopes Souza Silva – DINTEC/UNIR

Dedico este trabalho a Deus, o que seria de mim sem a fé que eu tenho nele.

*Aos meus pais, meu esposo e minha filha
que, com muito carinho e apoio, não
mediram esforços para que eu chegasse
até esta etapa de minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu esposo Daniel Reis, minha querida filha Alice, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Tenho um agradecimento enorme à professora Márcia Ângela patrícia pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

A professora Maria Norma Lopes S. Silva pelas aulas que contribuíram grandemente para o meu crescimento.

Ao professor Hugo Athanásios Fotopoulos pelo convívio, apoio, compreensão e principalmente por sua alegria e irreverência, misericórdia!

Enfim agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade na educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Também com muito carinho agradeça a professora Ilka de Oliveira Mota, que me oriento no início desta longa e árdua caminhada.

Aos amigos e colegas, principalmente à Chirlem Maria Costa de Aguiar que está junto comigo nessa jornada, Elizete Ribeiro dos Santos, que é uma pessoa maravilhosa e incentivadora.

*“Ensinar não é transferir conhecimento,
Mas criar as possibilidades para sua
própria produção ou a sua construção.”*

(Paulo Freire)

RESUMO

O corrente estudo teve como temática a oralidade e o letramento. O objetivo central que norteou este trabalho consiste em verificar as concepções de oralidade e letramento de professores alfabetizadores de uma escola pública municipal da cidade de Ariquemes, estado de Rondônia. Para o corrente tema, adotamos a pesquisa bibliográfica em livros impressos, em sites de buscas com acervos de entidades confiáveis de autores renomados sobre o assunto, e em concomitância a pesquisa de campo com os professores. No transcorrer dos trabalhos vimos que embora essas duas modalidades apresentem diferenças, também dúvidas e dificuldades por parte dos professores, principalmente no processo de alfabetização em relação a essa temática, também observamos que a escrita ocupa um lugar de prestígio na sociedade em geral e na comunidade escolar. Lembremos que estamos em uma sociedade grafocêntrica, isto é, centrada na escrita, no signifiante impresso, diante de tantas pluralidades que esse tema aborda, demonstra os mesmos “fala e escrita” oralidade e letramento não podem ser dissociados, que há uma harmonia entre as duas que faz com que a interdependência seja necessária na formação alfabetizadora das crianças, ou seja, uma completa o outra.

Palavras- chave: Oralidade. Alfabetização. Letramento.

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----------|
| Gráfico 01 – Sexo dos entrevistados..... | 30 |
| Gráfico 02 – Formação profissional dos entrevistados..... | 31 |
| Gráfico 03 – Tempo de atuação na educação..... | 32 |
| Gráfico 04 – Tempo de atuação na alfabetização..... | 32 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1.INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2. DO APARATO TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICO | 14 |
| 2.1 Bases e Concepção da Oralidade | 14 |
| 2.2 A Oralidade no contexto escolar | 15 |
| 2.3 A Oralidade na Alfabetização e Letramento | 19 |
| 2.4 Genêros textuais e a Oralidade | 23 |
| 2.4.1 Genêros Orais | 24 |
| 3. A METODOLOGIA DA PESQUISA | 28 |
| 3.1 Procedimentos técnicos..... | 28 |
| 3.1.1 Condições da produção da pesquisa bibliográfica..... | 28 |
| 3.1.2 Condições da produção da pesquisa de campo..... | 28 |
| 3.2 Um pequeno histórico da escola pesquisada..... | 29 |
| 4. ANÁLISE DA PESQUISA | 30 |
| 4.1 As vozes dos sujeitos da pesquisa: análises e discursões | 30 |
| 4.2 A utilização da Oralidade nas vozes dos professores alfabetizadores .. | 33 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 39 |
| REFERÊNCIAS | 41 |
| ANEXOS..... | 43 |

1. INTRODUÇÃO

Existe, a ideia decorrente de algumas teorias, de que não seria papel da escola ensinar o aluno a falar, uma vez que essa habilidade é supostamente aprendida muito antes, principalmente com a família. Essa concepção representa um grande equívoco que reduza oralidade à fala cotidiana e informal, representada pelos bate papos e pelas conversas do dia a dia. O fato é que, sob a denominação de “linguagem oral”, encontram-se diversos gêneros, tais como: entrevistas, debates, discursos, exposições e dramatizações. Em relação a todos eles, é imprescindível a interferência do professor.

O tema sobre as modalidades oral e escrita sempre causou em mim interesse, seja do ponto de vista da educação – enquanto aluna universitária e futura professora das séries iniciais -, seja do ponto de vista científico.

As constantes reflexões erigidas durante as aulas da disciplina de Fundamentos e Prática do Ensino de Língua Portuguesa¹ foram determinantes para a produção desta monografia que ora apresento. Elas corroboraram esse antigo desejo, possibilitando o aprofundamento teórico e a abertura de um leque de questões profícuas a cerca desse tema.

Historicamente, a fala, parte constitutiva da modalidade oral, tem sido concebida como “desvio”, “erro”, “distorção”, “agramatical”. O que se observa, por meio de observação feita durante nossa atuação como aluna dos ensinos fundamental e médio e, principalmente, no contexto do estágio superior supervisionado, é que a escola tem reforçado esse imaginário já constituído historicamente socialmente, resultando, desse modo, na exclusão da fala – de seu funcionamento e especificidade – como objeto de ensino e estudo.

Tudo se passa como se a fala não tivesse a sua importância a ponto de merecer um espaço no âmbito escolar e, mais especificamente, nos anos de alfabetização². Por outro lado, a produção escrita comparece com mais força e totalmente desvinculada da fala. Noutras palavras, diferentemente da escrita, a fala tem ocupado, no contexto didático-pedagógico, um lugar de pouca importância.

¹ Disciplina, essa estudada no 4º período do curso de Pedagogia.

² Fase da escolarização, objeto de nosso estudo.

Como já explicitado acima, esta pesquisa situa-se no campo teórico da Linguística, mais precisamente na vertente em que questões concernentes à problemática da oralidade e escrita encontram um espaço produtivo de discussão.

Alguns nomes representativos como Marcuschi e Dionísio (2007) e Fávero (2002), só para citar dois exemplos, serão essenciais no modo de compreensão de nosso objeto de pesquisa.

No imaginário, plano de organização de sentidos tanto a modalidade oral como a escrita comparecem envoltas de sentidos naturalizados historicamente. Por isso, para esse trabalho, é fundamental que atravessemos esse imaginário a fim de compreender o funcionamento de cada uma dessas modalidades linguageiras, mais exatamente como um “conjunto de práticas sociais”. Pensar desse modo representa, de acordo com Marcuschi e Dionísio (2007) “a construção de um novo objeto de análise e uma nova concepção de língua e de texto, agora vistos como um conjunto de práticas sociais”. Portanto, baseado nesses dois autores de sucesso será desenvolvida a pesquisa acadêmica com base teórica sociointeracionista³.

Como é sabido, todo e qualquer trabalho de pesquisa caracteriza-se, entre outras coisas, pelas perguntas que instaura e pelos objetivos levantados pelo pesquisador. Portanto, esta seção dedicar-se-á à explicitação dos objetivos geral e específico que compreendem o presente estudo.

O objetivo geral que orienta esse estudo consiste em investigar o modo de concepção das modalidades oral e escrita dos professores alfabetizadores que atuam no ciclo da alfabetização.

Esta pesquisa, filiada ao campo epistemológico da Linguística, enviesada, por sua vez, pela perspectiva sociointeracionista, pretende de um modo geral, contribuir para os estudos sobre as modalidades oral e escrita no contexto de alfabetização, mais precisamente sobre como professores alfabetizadores atuantes em escolas públicas de ensino fundamental abordam a oralidade e a escrita, e suas consequências para o processo de ensino-aprendizagem.

³ A título de esclarecimento, a perspectiva sociointeracionista concebe a gramática ancorada no conceito de língua como atividade social, ou seja, um conjunto de usos concretos, situados historicamente, por meio do qual há sempre um locutor e um interlocutor interagindo baseados em um tópico conversacional previamente negociado. O sociointeracionismo considera o social e a interação conjuntamente, ou seja, como elementos indissociáveis, o que significa que a língua só faz sentido na relação constitutiva com o social, isto é, em uma relação dialógica em que o outro é parte fundamental para a produção de sentidos.

Conforme o levantamento bibliográfico feito até o presente momento, embora haja muitos estudos dedicados às questões da oralidade e da escrita, sente-se falta de pesquisas especificamente direcionadas ao contexto da alfabetização, isto é, aos anos iniciais. Eis a importância de nosso trabalho. Ele parece ser fundamental para o campo da Educação uma vez que é uma contribuição real à reflexão sobre alfabetização. Por isso, essa pesquisa justifica-se pelo fato de haver:

O pressuposto que sustenta o presente estudo é de que, embora exista um contínuo, atravessando os planos do oral e da escrita, o modo de abordagem da língua centra-se exclusivamente em atividades escritas. Partindo desse pressuposto, formulamos a hipótese de que, no contexto de ensino na alfabetização, há uma tendência de apagamento da modalidade oral, em vista do tratamento hegemônico dado à escrita, ou dito de outro modo, na escola parece não haver um espaço para o trabalho com a oralidade.

Tendo como base a hipótese acima proposta, formulam-se as seguintes perguntas de pesquisa que orientam este trabalho:

- i) Como a oralidade, no contexto de alfabetização, é trabalhada ou, noutros termos, como se dá sua abordagem?
- ii) As atividades propostas nas aulas favorecem o desenvolvimento das modalidades oral e escrita? Em caso afirmativo, que tipo de atividades é trabalhado a esse propósito?
- iii) Na produção escrita dos alunos, aparecem traços (vestígios) pertencentes ao contínuo da modalidade oral? Em caso afirmativo, como tais traços são trabalhados pelos professores envolvidos na presente pesquisa?
- iv) Como se dá a relação entre oralidade e escrita no processo de alfabetização?

Todas essas questões pretendem ser respondidas ao longo de nosso trabalho monográfico. A fim de situar o leitor a respeito do modo de organização deste trabalho, vale dizer que ele foi constituído de três seções.

Na primeira seção, após a Introdução, o objetivo foi discutir o aparato teórico adotado, explicitando as noções teóricas mobilizadas ao longo do trabalho. Na segunda seção, produzimos uma descrição das condições de produção da pesquisa de campo e dando uma visão panorâmica da escola municipal Chapeuzinho Vermelho, pois a mesma foi o local onde foi realizada a pesquisa de campo.

Finalmente, a terceira seção abordou a análise dos dados coletados ao longo da pesquisa de campo.

Na sequência, apresentamos as considerações finais, quando procuramos fazer uma síntese a respeito do que foi trabalhado ao longo da pesquisa. Por fim, o leitor poderá contemplar as referências bibliográficas e os anexos.

2. DO APARATO TEÓRICO- EPISTEMOLÓGICO

A presente seção tem como objetivo explicitar as especificidades do aparato teórico-epistemológico adotado nesta pesquisa, trazendo as principais noções teóricas que serão mobilizadas ao longo do trabalho.

2.1 Bases e concepções da oralidade

Embora, o ser humano não possua um aparelho específico para a fala, desenvolve técnicas que lhe permite comunicar-se além de gestos e outras maneiras. Ao longo da história da humanidade o homem se supera com a evolução, adquirir novos métodos de comunicação, porém a oralidade sofre constantes mudanças, mas nunca substituída como no caso de outros meios comunicativos.

Apesar de ser comumente usada por todos os seres pensantes em geral não lhe é concedido um tipo de estudo específico para defini-la com maior propriedade, sempre desconsiderada como objeto de estudo, mas, o código mais comum que é a escrita denominada por Saussure de estrutura que foi considerada um objeto de estudo. Portanto, a prática não teve a atenção necessária, sendo descartada pelo mesmo que afirma não haver possibilidade de estudar algo que é modificado por vários fatores e alguns que se destacam, são de tempo (sincronia) e as variações sociais e geográficas.

Não havia, por parte dos linguistas, uma real preocupação com a fala autêntica e sim com a fala idealizada. A Linguística dedicava-se mais à descrição de estruturas e formas abarcáveis pelas noções teóricas disponíveis e não tinha como situar fenômenos tipicamente orais. Saussure identificou na langue o objeto da Linguística, e não a parole; de igual modo a outra postura hegemônica neste século, a chomskiana, preceituava o estudo da competência e não do desempenho. Daí, em parte, o descaso pela produção oral efetiva (MARCUSCHI, 1997, p.40).

. Segundo, Marcuschi e Dionísio (2007) o descompromisso com o estudo da oralidade de como o ser humano fala, deixou muito a desejar, ou seja, houve uma inversão de valores, é sabido que, o contato com a fala acontece a todos os instantes, para cada segmento social o uso da oralidade ocorre de forma diferenciada, ou seja, a oralidade pode ser aplicada em ocasiões diversas, de maneiras múltiplas, por isso a atenção deve ser voltada também para a oralidade.

Diante disso percebe-se a atenção privilegiada à escrita, apesar de ser muito importante para a comunicação e interação do indivíduo, a escrita é menos utilizada

no dia a dia em diferentes segmentos da sociedade, até mesmo no ambiente escolar. Essa contradição deve ser reparada, ou pelo menos se faz necessário uma aplicabilidade no uso da língua falada. Se a prática da fala é em maior quantidade e diversidade parte do pressuposto de que deve haver maior atenção para a mesma, então é percebida a prática que por sua vez é chamada de oralidade devido à comunicação social que envolve o falante no dia a dia.

De acordo com Saussure (2002), a estrutura (langue), o abstrato era possível ser estudado, mas a prática (a parole) não, devido as muitas mudanças que ocorrem na mesma tanto regional quanto temporal. Esse pensamento impediu que a fala tivesse um estudo aprofundado que viesse contribuir para o desenvolvimento da fala em diversos aspectos como: o que pode ser usado na fala ou não, as muitas maneiras de perceber o uso da fala, e as garantias que a oralidade trás para a comunicação no convívio social.

2.2 A Oralidade no contexto escolar

Conforme foi citado em supra o pensamento de que a escola tem o papel apenas de ensinar a escrita e não da oralidade dificulta o entendimento de que deve aplicar também o ensino da oralidade e não deve desconsiderar essa importante ação para contribuir com o desenvolvimento linguístico do indivíduo em meio a sociedade.

Uma das razões centrais do descaso pela língua falada continua sendo a crença generalizada de que a escola é o lugar do aprendizado da escrita. Uma crença tão fortemente arraigada que já se transformou numa espécie de consenso: a escola está aí para ensinar a escrita e não a fala (MARCUSCHI, 1997, p.39).

Embora, a concepção da atenção volta em especial para a escrita pode ser mudado e entendido que a escola também deve transformar o método de ensino com a intenção de estudar a prática da fala para contribuir com o aprimoramento linguístico.

O que ocorre na escola na maioria das vezes é a discriminação da fala, ou seja, uso da oralidade, a prática da fala. O uso da forma não culta deve ser evitado e a maneira “correta” de se pronunciar é a forma culta, aquela que se escreve. De acordo com, Marcuschi, (1997) os manuais e os materiais de apoio trazem a ideia de que a oralidade não necessita de nenhum estudo e de forma subjetiva faz o estudante e professor pensarem que a língua falada não está correta e precisa ser

corrigida e extinta do vocabulário do aluno, ou seja, aprender novas formas de comunicação e extinguir o conhecimento antes aprendido. Isso pode ser considerado uma arbitrariedade e não deixa de ser uma violação da vivência e cultura.

Não é de estranhar, portanto, que os manuais didáticos, que em geral assimilam pouco, tardiamente e mal as inovações teóricas (mas apreciam historicamente inovações tecnológicas de efeito visual) não tenham dado atenção à língua falada. Além disso, por terem a escrita como horizonte e por reinar ali a tendência prescritivo-normativa, esses manuais aprofundaram ainda mais o fosso da relação entre língua escrita e língua falada, sendo esta última um anti-modelo (MARSCUSCHI, 1997. P.40).

Foi implantada, há tempos, a ideia de que a norma culta, criada pela burguesia, a classe dominante; seria considerado adequado apenas o uso desta forma de variação linguística. O uso de qualquer variação além da culta o indivíduo estaria automaticamente excluído do meio social, sendo consideradas as demais variações marginalizadas.

Mas hoje a ideia de ensinar oralidade nas escolas já começa a ganhar força e é percebido a preocupação pelos profissionais de ensino com essa importância, porém ainda muito tímida a ação sobre esse assunto. Cabe-nos falar sobre a necessidade do ensino da oralidade.

(...) a escola se preocupa muito mais em encaminhar os conteúdos de ensino do que em reconhecer aquilo que os educandos podem oferecer de seu universo de convívio. Nesse sentido, as falas em sala servem apenas para conduzir os momentos em que o professor tem por finalidade trabalhar determinado conteúdo, restringindo o verdadeiro sentido do diálogo, que é a comunicação (PANZINI, ZIBETTI, 2006, p. 122, apud, GERALDI, 1995).

É muito comum nas escolas o uso da oralidade apenas para realizar conteúdos propostos nos manuais escolares, o aluno não utiliza a fala para atividades relacionadas ao uso natural, quando o aluno faz o uso da maneira que ouve em casa quando se conta uma piada, história ou até mesmo um acontecimento é propenso haver uma interrupção por parte do professor para corrigir a pronúncia do aluno. Quando assim feito a comunicação usual internalizada do aluno sofre a interrupção que pode causar problemas na continuação do aprendizado do mesmo. É notório a supressão do conhecimento do aluno referente ao que lhe foi transmitido das gerações anteriores, isto, pode ser entendido como preconceito linguístico.

A racionalidade não é um patrimônio exclusivo dos alfabetizados, assim como o senso prático não é a única forma cognitiva peculiar dos analfabetos. Diante disso, a escola deve buscar uma maior valorização da

oralidade no contexto do sistema formal de ensino, tendo em vista, sobretudo, a insuperável interdependência entre oralidade e letramento (MARCUSCHI, DIONISIO, 2007, p.37).

A escola precisa entender que o conhecimento não está restrito aos que são alfabetizados, o letramento é algo que ocorre a partir da inserção do indivíduo ao mundo social, quando o mesmo convive com a sociedade possuidora de saberes importantes para a sobrevivência, mesmo não sendo ele alfabetizado o entendimento lhe é possível através da oralidade adquirir conhecimentos essenciais para a vida, ou seja, o analfabeto não é desprovido de inteligência.

A realidade do aluno recém-chegado é outra, a escola precisa reaver os conceitos pré-determinados e inserir o uso da oralidade no conteúdo programático anual, aproveitar esse conhecimento de que o aluno traz do meio em que vive para ajudá-lo a expandir suas competências comunicativas. A oralidade é a primeira forma usada pelo ser humano para transmitir conhecimentos, ensinamentos, tradições, cultura e repassar a história de determinado grupo. É a maneira mais antiga de se comunicar e sem usar nenhum tipo de tecnologia para garantir a comunicação interpessoal.

Muito antes da escrita o ser humano já se dispunha da fala e já havia tecnologias avançadas em relação à época, todos analfabetos e sem nenhuma utilização da escrita podiam realizar atividades complexas. Isto mostra que ser alfabético nada mais é que um outro modo de usar a língua e não uma superioridade em relação ao que não usa.

Segundo Marcuschi e Dionísio (2007) a oralidade é uma ação comunicativa que o indivíduo utiliza para realizar atividades orais de acordo com as necessidades diárias. A oralidade pode ser considerada uma técnica usada pela pessoa a partir de vários instrumentos devido o homem não possuir nenhum aparelho exclusivo para a fala utiliza-se de alguns componentes que são chamados de aparelho fonador para a aquisição de uma oralidade adequada e possível a comunicação interpessoal.

Portanto o surgimento da alfabetização causa mais uma divisória entre os mais abastados e a classe dominada, a capacidade de comunicar-se em tempo diferente de que fala exige um conhecimento extra além da oralidade, agora se faz necessário o domínio da escrita que por sua vez determina um período de aprendizado e alguém que possa ensinar.

A alfabetização é apenas mais um dos diversos tipos de letramento presentes na sociedade, os quais estão relacionados com os significados específicos que a escrita assume para cada grupo social, dependendo dos contextos e instituições em que a ela foi adquirida (RICARDO, GOUDIN, BENÍCIO, 2001.p. 12).

A alfabetização, apenas, uma variante da língua que contribui para a vida do cidadão com o enriquecimento de suas competências comunicativas de forma gradual, isso lhe proporciona condições de inserir-se em meio diversos grupos sociais de acordo com o grau de alfabetização que adquirir, ou seja, quanto maior for a competência do indivíduo em relação a alfabetização maior o envolvimento com distintas camadas sociais. A alfabetização nada mais é que uma extensão do letramento, uma maneira diferente de comunicar-se e ao mesmo tempo passa a ser algo abrangente e condicionar maior aproximação com o determinado segmento social, o qual não é comum para os que não são alfabetizados.

Além disso, está implícito em meio à sociedade moderna o entendimento de que o alfabetizado se utiliza de algum tipo de status social que lhe condiciona certos privilégios, o alfabetizado tem certa superioridade sobre os que não são alfabetizados.

A escrita é tanto uma forma de domínio da realidade no sentido de apreensão do saber e da cultura, como é também uma forma de dominação social enquanto propriedade de poucos e imposição de um saber oficial subordinador. É evidente que o ideal seria que todos se apropriassem dessa tecnologia e de sua prática, mas não temos sociedades plenamente alfabetizadas (MARCUSCHI e DIONÍSIO, 2007, p.36).

A desigualdade social traz de alguma forma o distanciamento de muitos à escrita e delibera poder aos que se apropriam dela. Aos que não obtiveram a oportunidade de adquirirem essa tecnologia sofrem com a subordinação. A aquisição da alfabetização ainda não condiz com a população, não é garantido ainda a todos e aos que não foram alcançados de alguma forma por essa tecnologia ainda são considerados inferiores aos que já possuem, até o próprio indivíduo não alfabetizado se considera com menos capacidade, idéia imposta pela classe dominante.

O fato das relações interpessoais exigirem além da oralidade outros meios de comunicação limita ao não alfabetizado, as restritas realizações no ambiente hodierno, por isso surge à indiferença para o que não sabe ler. Por isso não pode realizar muitas tarefas em diferentes situações e devido à ascensão tecnológicas, o que resta é a sobrevivência à margem.

Em geral, quem reconhece esse "conflito de interesses" possui uma visão de que oralidade e escrita são desligadas e muito diferentes entre si. Mas oralidade e escrita, nas mais diversas práticas de linguagem, encontram-se inextricavelmente conectadas e dependem uma da outra para a realização de textos e de discursos (SILVA, 2002, p.2).

Conforme a autora aborda o assunto pode ser notado que embora haja interesse do professor em trabalhar com a oralidade percebe-se a dificuldade de trabalhar qualquer conteúdo que diz respeito a isso sem formar algum tipo de ligação com oralidade e escrita devido a confusão de que as duas práticas comunicativas são conflitantes, pois torna-se um erro afirmar como tal.

A oralidade é a capacidade natural que o indivíduo desenvolve a partir da necessidade que o mesmo se encontra em uma comunicação, algo inerente que também depende da associação com outros seres da mesma espécie, porém limitada ao espaço e tempo; a escrita é a tecnologia desenvolvida e aprendida e tem a finalidade de desenvolver uma comunicação que supera em parte o tempo e espaço, tornou-se muito útil ao homo sapiens. O fato de serem diferentes e exigirem competências diferenciadas são relacionadas e devem ser utilizadas juntas para oportunizar o usuário da linguagem uma comunicação ampla e satisfatório no que diz respeito ao entendimento entre emissor e receptor.

2.3 A Oralidade na Alfabetização e Letramento

A fala e a escrita devem ser utilizadas em harmonia e valorizadas com a mesma importância, pois isso propicia uma desenvoltura ampla e abrangente do aluno no letramento, já afirmado anteriormente, que está relacionado à inserção do indivíduo as todas competências comunicativas como a intrapessoal no que diz respeito à produção do pensamento e a comunicação interpessoal que é observada desde a imagem, o som, a fala e, a escrita que depende da prática, de o convívio pessoal e social.

O letramento, por sua vez, diz respeito ao uso da escrita na sociedade e vai desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas sabe o valor do dinheiro, sabe o ônibus que deve tomar, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas e sabe muita outra coisa, mas não escreve cartas nem lê jornal, até o indivíduo que lê o jornal e escreve cartas ou desenvolve tratados de Filosofia e Matemática. Como se disse anteriormente, letramento distinguir-se-ia de alfabetização, podendo, eventualmente, envolvê-la (MARCUSCHI e DIONÍSIO, 2007, P.41).

Embora, seja possível mesmo limitadamente, com poucas ou quase sem nenhuma compreensão da alfabetização, o letrado pode realizar diferentes atividades sem jamais ter ido à escola, porém para a realização de uma atividade de alfabetização, o aluno precisa de alguma competência social “letramento” para associar o que lhe foi proposto.

Segundo, Marcuschi e Dionísio, (2007) o letramento remete ao entendimento de que os conhecimentos adquiridos pelo indivíduo até mesmo antes de ir à escola em um contexto informal também são considerados aprendizado. A possibilidade de comunicar-se com o meio social em que vive leva o cidadão ao conhecimento. Sendo assim, o indivíduo que de alguma forma desenvolve a habilidade de se comunicar em seu meio social pode ser considerado alguém que está em processo de letramento. Sabe-se que o letramento acompanha a evolução das descobertas, até mesmo na tecnologia, como: o surgimento de novos gêneros, é básico que para uma pessoa que está em aprendizado constante terá que reconhecer sobre determinado gênero, pois necessita do mesmo para comunicar-se em determinado momento.

A expressão em supra traz o entendimento de que, o aluno leva o que sabe para sala de aula e esse conhecimento pode ser utilizado pelo professor de forma metódica e sistemática para auxiliar na alfabetização do aluno e com isso o aluno passa a levar o que aprende na escola para o mundo social, sendo assim uma construção continua do saber.

O letramento pode desenvolver-se no cotidiano de forma espontânea, mas, em geral, ele se caracteriza como a apropriação da escrita que se desenvolve em contextos formais, isto é, no processo de escolarização. Daí também seu caráter mais prestigioso como bem cultural desejável. Daí também a identificação entre alfabetização e escolarização. Em suma, há uma avaliação da alfabetização como sinônimo de valor e educação. Isso determinará, em boa medida, o uso da escrita em nossa sociedade, e dá ao letramento mais aprimorado um status muito alto (MARCUSCHI e DIONÍSIO, 2007, p.37).

Sendo o letramento espontâneo a pessoa através de suas faculdades mentais e o ambiente social, são capazes de criar e codificar o que está em volta faz do indivíduo um ser pensante que pode lidar com o que está a sua volta fazer a leitura, seja visual, auditiva, palatal ou até mesmo através do tato essas realizações ocorrem sempre que houver alguma necessidade referente aos sentidos.

Segundo Dionísio e Marcuschi (2007) nas necessidades básicas como pegar um ônibus, ler uma placa e coisas do tipo, mesmo que a pessoa não seja alfabetizada isso não lhe impede de realizar atividades simples como essas, portanto realizações assim podem ser consideradas uma fase do letramento que ocorre de acordo com o envolvimento do cidadão para com a sociedade em que vive. Se o camponês não tem acesso algumas mídias já criadas pela tecnologia certamente este não terá o mesmo desenvolvimento de alguém que se utiliza destes meios midiáticos. Partindo desse pressuposto pode afirmar que o letramento daquele não pode ser comparado com o deste.

O momento de alfabetização precisa ser bem elaborado pelo profissional da educação para haver uma formação adequada com a exigência da sociedade. Aproveitar a oralidade do aluno adquirida em seu primeiro ambiente social, a própria casa, não é simplesmente pedir que ele fale ou utilize o usual no dia a dia, mas aplicar a oralidade em diferentes aspectos condizentes com a realidade do momento em que deve ser usada.

Vale resaltar que o trabalho com a oralidade em sala de aula é primordial, pois a fala é parte integrante de nossa vida. Considerando, portanto, que o desenvolvimento da linguagem oral se dá mediante a vivência de experiências diversificadas, ricas, envolvendo os usos possíveis da linguagem oral, cabe aos profissionais atuantes da educação infantil e séries iniciais planejarem a ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua (CHAER e GUIMARÃES, 2012, p.73).

Já especificado pelas autoras no texto acima a participação do profissional do ensino de línguas precisa utilizar-se de estratégias que sejam cabíveis ao desenvolvimento linguístico da criança que depende de uma ação sistemática e muito bem conduzida para não ser apenas mais um momento de uso da oralidade sem nenhum objetivo de ensinamento. O professor deve planejar a prática do uso da língua em situações diferentes e mostrar ao aluno quando tais devem ser observadas; levar em conta a múltipla face da oralidade a que o mesmo já faz uso, porém deve ser esclarecido ao mesmo que não deve ser apenas usada, mas entendida quando e como deve ocorrer o uso desse importante meio de comunicação.

É natural que os professores já fazem esse tipo de trabalho, portanto, existe uma deficiência quanto à forma que deve ser conduzido o ensino da oralidade em sala de aula um dos aspectos que às vezes ocorre e prejudica o desenvolvimento

cognitivo do aluno é a correção da fala de forma preconceituosa que impede o aluno seguir a prática devido ao medo de ser novamente repreendido;

É de grande valia o professor acompanhar o desenvolvimento da linguagem oral da criança. A observação e a avaliação são fundamentais para detectar pequenos progressos e compreender os avanços linguísticos dos alunos. Ao chegar à escola, é importante que o professor conheça o contexto de onde cada criança vem, a fim de compreender, respeitar seu jeito de falar e poder trabalhar as dificuldades identificadas sem inibir ou desvalorizar (CHAER e GUIMARÃES, p.10).

Faz necessário o professor tomar conhecimento das competências comunicativas da criança quando se ingressa à escola, as experiências que traz de casa. Atividades de oralidade devem ser comuns em sala de aula e as avaliações precisam ocorrer frequentemente, isso garante ao professor descobertas das condições linguísticas do aluno e quais avanços alcançados.

Mesmo que os objetivos almejados não sejam satisfatórios o professor terá condições suficientes de diagnosticar o desempenho de cada aluno e criar novos momentos para conduzir o aluno ao objetivo desejado, vale lembrar que o risco de ocorrer um retrocesso é muito comum se não houver um cuidado no que diz respeito a abordagem ao aprendiz, no aprendizado das diferentes variações linguísticas e o uso da oralidade em ocasiões distintas.

Essas variações linguísticas são provas de que o Brasil não é um país monolíngue e demonstra a necessidade do falante da língua portuguesa, precisa ter conhecimento e competências comunicativas necessárias tanto para entender, como para desenvolver uma comunicação em diferentes aspectos independentemente da situação em que estiver envolvido.

O Brasil não é um país monolíngue. Há quase duas centenas de línguas faladas em seu território, incluindo aí as línguas brasileiras das etnias indígenas, que exibem diferentes graus de bilingüismo, e línguas preservadas em comunidades descendentes de imigrantes, que também convivem com o português regional e o português padrão, supra-regional. No caso das etnias indígenas, a constituição brasileira prevê que a educação seja bilíngue (RICARDO, GODIM e BENÍCIO, 2001, p. 05).

Quanto a importância de ensinar ao aluno o desenvolvimento de diferentes competências linguísticas está relacionado ao comportamento linguístico do país transcontinental, possuidor de diversas variações e desenvoltura comunicativamente repleta de diferentes falares, que exige dos falantes de língua portuguesa certo conhecimento sobre esses dialetos para haver uma comunicação compreensível.

É indispensável ao professor compreender que a oralidade vista em diferentes variações, precisa envolver também um outro assunto de grande valia aos estudos linguísticos que é o letramento. Para haver um aprofundamento nas competências linguísticas se faz necessário o envolvimento, ainda que seja distinto, porém importante.

2.4 Gêneros Textuais e a Oralidade

Os gêneros Textuais podem ser definidos como uma estrutura que se torna base de diferenciadas maneiras de escrever um texto, com isso basta entender que a existência de vários formatos de textos pode ser observado ao longo da história da humanidade, e que isso acontece naturalmente na construção de novos gêneros que hoje determinam as produções textuais da sociedade, novos gêneros são criados de acordo com a necessidade comunicativa da complexa população humana.

No entanto mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas (DIONÍSIO, MACHADO e BEZERRA, 2010, p.25).

Pode-se afirmar que os gêneros textuais são construídos e desenvolvidos em face a cultura temporal e geográfica, embora seja necessário criar regras e as mesmas devem ser seguidas, a criação de novos gêneros e as transformações que ocorrerão involuntariamente diante do comportamento criativo do usuário da língua. Para a comunicação externa nos mais diversos processos comunicativos.

Segundo Dionísio, Machado e Bezerra, (2010) comunicação só pode ser realizada mediante algum gênero textual e mesmo sendo a expressão verbal se faz necessário o uso do texto. Neste caso é correto afirmar que o gênero está inserido em meio a sociedade em diferentes aspectos, lugares e horário, ou seja é possível entender que uma sociedade organizada ou não de forma involuntária ou proposital tem o gênero como primordial no contexto sócio-comunicativo.

Os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano. Assim, um gênero pode não ter determinada propriedade

e ainda continuar sendo aquele gênero (DIONÍSIO, MACHADO e BEZERRA, 2010, p. 45).

Efetuar, objetivamente em situações específicas na vida social e privada, o uso da linguagem tem por finalidade a interação comunicativa, isso notoriamente é a utilização do gênero que de acordo com a situação, finalidade e momento e provoca o poder criativo do indivíduo que por sua vez constrói o texto da variação mais provável para o instante. A produção textual diferenciada tem como requisito algumas normas que não tem a obrigatoriedade de serem usadas no gênero, entretanto o mesmo não perde sua identidade.

2.4.1 Gêneros Orais

Falar sobre o texto oral é de suprema importância devido o uso bastante comum no dia a dia, embora não lhe é dado o mérito de práxis. Todos os dias em todos os momentos alguém está de alguma forma se beneficiando deste ato comunicativo, que para Travaglia (2013, p. 4) se define como:

(...) gênero oral é aquele que tem como suporte a voz humana (vista como a característica particular que tem o som produzido pelo aparelho fonador) e que foi produzido para ser realizado oralmente, utilizando-se a voz humana, independentemente de ter ou não uma versão escrita.

É notório que antes do conhecimento de qualquer outro meio de comunicação surgiu à fala, por isso o conhecimento dos mais diversos gêneros textuais orais é de notável necessidade e relevância para o usuário da língua.

A participação do falante da língua materna em processos criativos de textos com o gênero oral é muito comum e variante, sempre que alguém usa algum método para se comunicar oralmente com outro nas condições de conhecimentos e facilidades para o bom desenvolvimento, temos que entender que nada pode ser tão bom quanto falar sobre algo para alguém que entenda o que lhe está sendo dito.

Os textos que circulam na sociedade são maneiras diferentes de se comunicar fatos que ocorrem involuntariamente de acordo com a necessidade e condições do momento, ou seja, sempre que surge a necessidade de se comunicar e desde que a forma existente não é favorável, impossibilitada ou pelo menos não muito aceita durante o envolvimento comunicativo, sucede uma nova forma de comunicação e se evolui na medida em que se torna mais comum em meio a

comunidade usuária, prova disso temos os bate – papos, os discursos, recados de geladeiras, bilhetes e orações.

A imensa diversidade de gêneros forma a língua e, sabemos que, gêneros não são entidades fixas, que permanecem estáticos, independentemente do tempo e das mudanças ocorridas na sociedade. Sabemos que, ao contrário de serem estáticos, há gêneros que desaparecem e outros que nascem dependendo das necessidades dos falantes que os utilizam. (Sadoyama).⁴

Os gêneros que circulam na sociedade não são formas abstratas e formuladas para determinada comunicação, pelo contrário são a dinamicidade da pronúncia que ocorre naturalmente que tende a deixar de existir quando cada vez menos usada. Os bate–papos, por exemplo, muito comum no uso das redes sociais surgem e alavancam muito rapidamente e toma formas diferenciadas a cada dia que novos usuários aderem a esse gênero, vale salientar que mesmo com toda essa dinâmica são estabelecidas algumas regras que de alguma forma são importante para qualificar a identidade do gênero.

As quantidades de gêneros orais existentes na sociedade são inúmeros, Travaglia (2013, p. 5-6) fez um estudo minucioso e expos os seguintes dados.

1)Esfera das relações do dia a dia: entrevista de emprego, fofoca, caso/causo, recados (social e familiar), bronca (repreensão), conselho, discussão (bate-boca, briga), reclamação, lamento, alerta, brinde, cantiga de ninar, discurso, exéquias, juramento, provérbio, nota de falecimento (pode também ser escrito, como as que aparecem em jornais), convite (também pode ser escrito), acusação, agradecimento, atendimento (por exemplo por secretárias, telefonistas), recados (em secretárias eletrônicas ou pessoalmente)etc.;

2)Esferas do entretenimento e literária: cantiga de roda, piada, anedota (é diferente de piada?), peça de teatro(representação), parlenda, reconto, comédia stand up, esquete, repente (improviso cantado ou recitado), bingo(o cantar as pedras, prêmios e vencedores), filme, narração esportiva radiofônica/televisada (de jogos, corridas etc.), telenovela, adivinhação/adivinha, desafio, locução de rodeio, música (a letra da música que só existe como música quando cantada. Fora disso tem-se um poema), entrevistas com celebridades etc.;

3)Esferas escolar e acadêmica: avisos/comunicados feitos em sala de aula por agentes diversos (professores, funcionários da direção ou da secretaria, alunos etc.), palestra/conferência, exposição oral(como nas aulas. Pode ocorrer em outras esferas), debate de opinião, debate deliberativo, arguição e defesa de dissertação ou tese ou sobre um assunto estudado ou de monografia/trabalho de conclusão de curso, comunicação de pesquisa (em eventos acadêmico-científicos), entrevista de pesquisa científica, arguição / prova oral, etc.;

4)Esfera religiosa:homília, sermão, celebração da palavra, pregação ou prédica, prece/oração,confissão, passe espírita, benzeção, batismo, batismo de fogueira, casamento(religioso, mas há também o civil), consagração,

⁴ Disponível em: (www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume4/adriana_santos.pdf). Acesso em

crisma, extrema unção; unção de enfermo, cantos de folia de reis, ladainha, profissão de fé (há profissões de fé religiosas, mas também sobre aspectos filosóficos, sobre cânones artísticos, etc.), hinos, cânticos de congadas ou congado, ordenação de padre, batizado, consagração, ângelus, prece/oração/reza, jaculatória (oração curta e fervorosa), missa, testemunho (é um tipo de depoimento que nesta esfera recebe um nome particular), oferenda, leitura de búzios, etc.;

5) Esfera militar: comandos, instrução de comandos, etc.;

6) Esfera médica: consulta (a anamnese seria parte da consulta), sessão de terapia, etc.;

7) Esfera jornalística: notícia, reportagem, comentário (feito por comentaristas econômicos, esportivos, críticos de arte, etc.), entrevistas (como as de opinião sobre determinado tópico), etc.;

8) Esfera jurídica /forense: depoimento, defesa, acusação, etc.;

9) Esfera policial: interrogatório, denúncia (Não se trata aqui do gênero escrito produzido pelo ministério público, mas das denúncias orais e informais realizadas por cidadãos em geral), depoimento, etc.;

10) Esfera comercial e industrial: pregão (de camelô, de vendedor, de feirante, etc.), leilão (a fala do leiloeiro), atendimento de call Center, transações de compra e venda (pessoalmente ou mediadas), entrevista (de pesquisa de preço e opinião sobre produtos, por exemplo), etc.;

11) Esfera dos transportes: navegação de vôo, cancelamento de vôo, informes/avisos orais em aeroportos e rodoviárias sobre partidas, chegadas, cancelamentos, etc.;

12) Esfera de magia: leitura de mão, praga, leitura de cartas, simpatia, etc.;

13) Esferas diversas: depoimento / relatos de experiência de vida (policial, religiosa, de tratamentos, histórico, etc.) pedido (social = casamento e outras, comercial, etc.), agradecimentos, profissão de fé, dramatização (ver relação com peças de teatro), instruções (de vôo, para realização de algo, etc.), aviso, etc.;

Ainda no estudo sobre gêneros que circulam na sociedade temos textos orais que impressos tornam-se textos mistos como, por exemplo, temos as histórias em quadrinhos que muito comum apresentam a fala da personagem na íntegra sem nenhuma modificação para a língua escrita sem o uso da regra normativa e também a utilização do texto visual que prende a atenção do leitor, pode ser observado a junção de três gêneros que formam um gênero muito importante para expor a ideia do escritor e ao mesmo tempo gerar curiosidade no leitor.

Visualmente, as HQs são facilmente identificáveis, dada a peculiaridade dos quadros, dos desenhos e dos balões. Entretanto, as HQs revelam-se um gênero tão complexo quanto os outros no que tange a seu funcionamento discursivo. Por isso, categorizá-las exige um grande esforço de sistematização, tendo em vista a multiplicidade de enfoques possíveis (DIONÍSIO, MACHADO e BEZERRA, 2010. p. 210).

O gênero textual Histórias em Quadrinhos tem uma característica importantíssima para se desenvolver atividades em sala com alunos das mais variadas faixas etárias, devido a relação de alguns gêneros reunidos em um único. A iniciativa do professor de trabalhar este gênero em sala de aula possibilita ao aluno o contato com diferentes gêneros em apenas um texto. Para que o aluno tenha um

entendimento mais amplo é importante que o professor apresente ao educando os gêneros existentes na história em quadrinhos para que o mesmo possa identificar a inserção de alguns gêneros textuais em um único e perceber o quanto é favorável à prática comunicativa, isto deve ser exposto ao discente e demonstrado o quanto é comum no cotidiano do falante nos mais variáveis processos de comunicação.

3. A METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta seção, serão delineadas as condições de produção da pesquisa, isto é, os aspectos principais que entram em jogo no objeto de nossa pesquisa: a escola. Além disso, descreveremos o método utilizado para a obtenção do conhecimento científico que se fundamentou em pesquisa bibliográfica, seguida de pesquisa de campo, sendo essa última motivada por questionários construídos por nós para obtenção das respostas.

3.1 Procedimentos técnicos

Os procedimentos técnicos obedecem à pesquisa descritiva analítica, pois esta é a que mais se identifica com o propósito do estudo que ora se apresenta. Didaticamente dividiu-se em dois parâmetros: a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

3.1.1 Condições da produção da pesquisa bibliográfica

A metodologia utilizada neste estudo foi à pesquisa bibliográfica, pois a mesma oferece meios que auxiliam na definição e resolução dos problemas já conhecidos.

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica (BOCCATO, 2006. p. 266).

Assim, foram utilizados como fonte de consulta livros, artigos e sites que falavam sobre o tema, fez-se a seleção dos teóricos que melhor deram sustentação ao entendimento do estudo e foi realizada uma pesquisa de campo para melhor compreender o assunto abordado.

3.1.2 Condições da produção da pesquisa de campo

Na pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas com cinco professores que atuam na alfabetização, cujo objetivo era analisar e compreender suas concepções sobre oralidade e letramento.

Foi construído um roteiro com 11 questões abertas, sendo que destas, 6 são de caráter pessoal, para termos ideia de suas vivências e 5 questões sobre o objeto

de nossa pesquisa. E para mantermos o sigilo dos entrevistados, eles serão identificados como: P.A, P.B, P.C, P.D e P.E.

Após as coletas de dados, houve a análise em busca da compreensão a respeito da realidade observada na prática pedagógica dos professores envolvidos na pesquisa. Esta análise será vislumbrada na seção posterior a essa.

3.2 Um pequeno histórico da escola pesquisada

Antes de iniciar a descrição do histórico da escola em questão, vale dizer que as informações que seguem o longo dessa seção foram obtidas por meio da leitura realizada do PPP (Projeto Político Pedagógico), disponibilizado pela direção da escola.

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental situada na Rua Vitória, nº 2924 no setor 03 na cidade de Ariquemes do estado de Rondônia, teve início de seu funcionamento na data de 28/08/1985.

A origem do nome: O nome da Instituição foi escolhido pela comunidade escolar em homenagem a uma história Infantil, que foi criada com base na história da Literatura Infantil com riquezas dentro de momentos históricos da época, trazendo informações fictícias e reais com propostas de despertar a curiosidade e o interesse das crianças pela literatura Infantil e consequentemente o gosto pelos estudos.

Atualmente a instituição funciona com um total de 50 funcionários e 584 alunos da educação infantil ao 3º ano do ensino fundamental.

Os alunos são oriundos de vários setores da cidade como, por exemplo, setores 03, 04, 05, 06 e 07(BNH), Jardim América, Jardim Paulista, Jardim Colonial, Bom Jesus, 25 de Dezembro e outros, já que grande parte desses setores não dispõe de outras escolas que atendem Educação Infantil. Varia de um nível socioeconômico menos favorecido à classe média baixa.

4. ANÁLISE DA PESQUISA

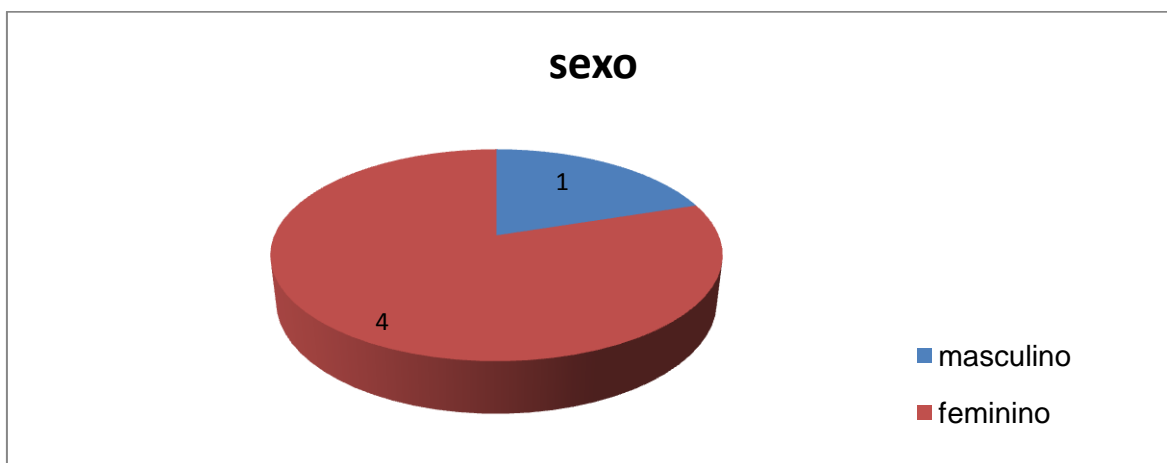
Nesta seção apresentaremos o resultado da análise dos materiais coletados durante a pesquisa de campo a fim de compreender como é trabalhada a oralidade no contexto da alfabetização.

4.1- As vozes dos sujeitos da pesquisa: análises e discussões

De acordo com a pesquisa de campo feita através de entrevistas em uma escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental do município de Ariquemes, com professores que atuam na alfabetização, com perguntas sobre a formação e experiência profissional, com o intuito de traçar o perfil destes professores e questões destinadas a colher informações sobre a oralidade, que é o objetivo central desta pesquisa, chegamos aos seguintes resultados.

Ao analisarmos os dados, concluímos que os professores tem idade entre 30 e 42 anos.

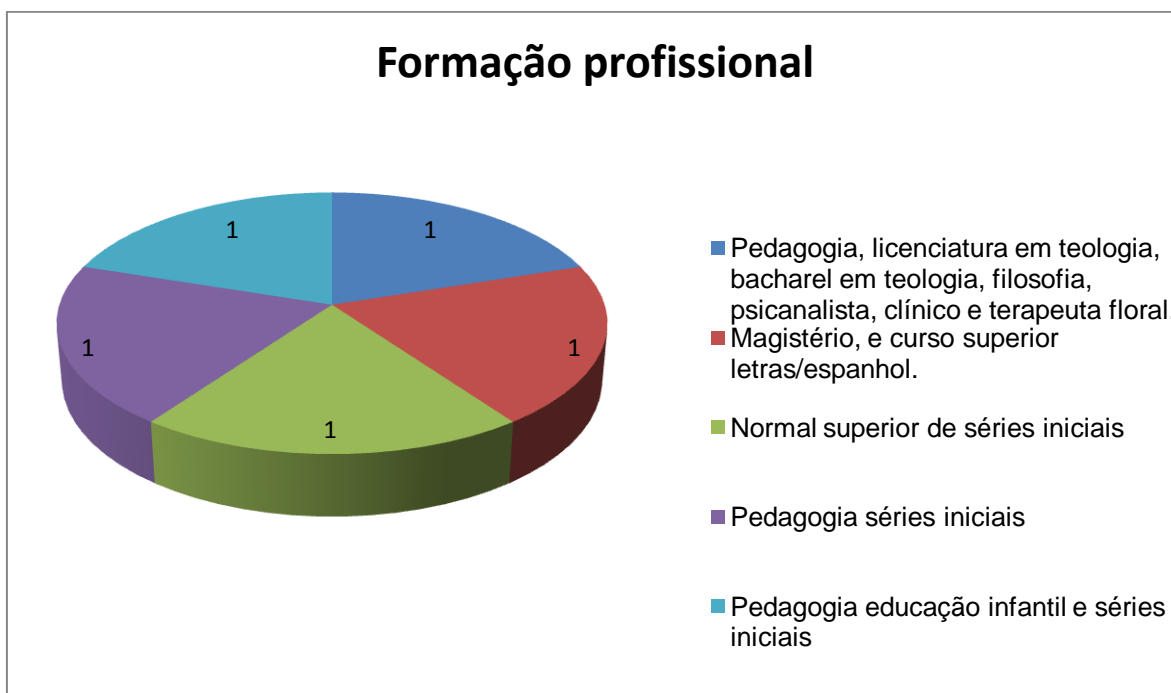
Gráfico-1 sexo dos entrevistados:



Fonte: pesquisa de campo, março/2016.

Sendo que um desses entrevistados é do sexo masculino e quatro do sexo feminino como mostra o gráfico acima, onde podemos identificar que as práticas de alfabetização de crianças têm sido feitas em sua maioria por mulheres. A formação profissional destes professores é descrita da seguinte forma: todos possuem formação superior, sendo que um deles possui magistério e formação superior em letras/espanhol, e o restante, formação em pedagogia, conforme gráfico a seguir:

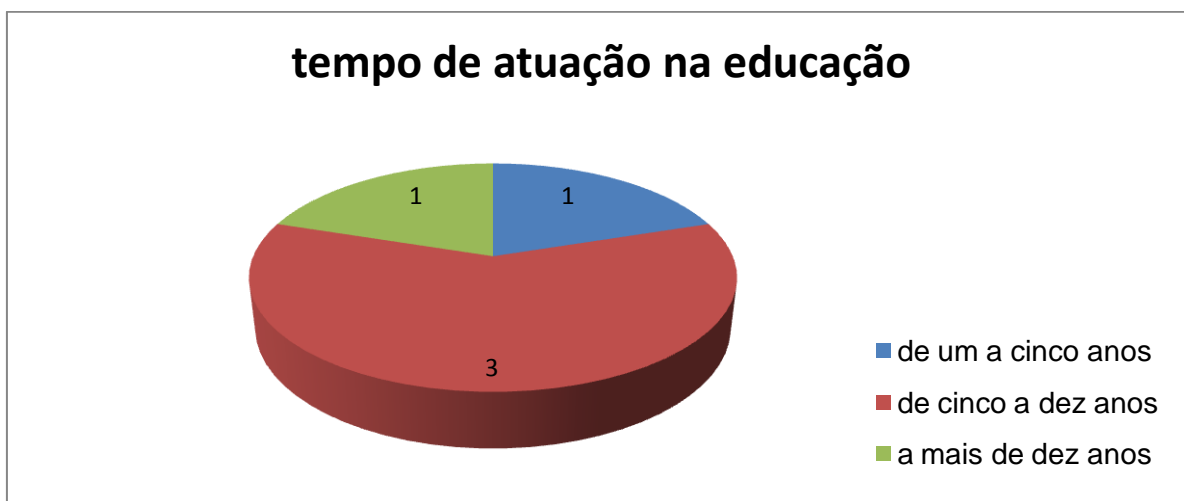
Gráfico- 2 formação profissional dos entrevistados:



Fonte: pesquisa de campo, março/2016.

O gráfico de número 2 demonstra um contexto histórico da formação de professores com inúmeras irregularidades. Em um curto espaço de tempo existiram diferentes modalidades da formação inicial, umas mais abrangentes e com uma duração maior, outros com uma carga horária reduzida e aligeirada, incluindo uma diminuição também nos conteúdos de ensino, inclusive os teóricos. Quanto ao tempo de experiência na educação expõe-se o gráfico número 3.

Gráfico- 3 tempo de atuação na educação:



Fonte: pesquisa de campo, março/2016.

A maioria dos professores entrevistados, como mostra o gráfico 3, apresenta um tempo considerável de experiência profissional. Dos professores entrevistados, 1 têm de um a cinco anos de experiência em sala de aula, 3 de cinco a dez anos e 1 com mais de dez anos, e nenhum deles possui menos de um ano de experiência profissional.

Com relação ao tempo de atuação na alfabetização, apresenta-se o gráfico número 4:

Gráfico-4 tempo de atuação na alfabetização:



Fonte: pesquisa de campo, março/2016.

O gráfico número 4 mostra o tempo de atuação que os professores tem específico na alfabetização, que é o alvo de nossa pesquisa, sendo que 2 possui de um a cinco anos de atuação na alfabetização, 3 de cinco a dez anos e nenhum com mais de dez anos de atuação na alfabetização. O que de início caracteriza-se como uma ampla experiência nessa área.

Quanto ao objeto dessa pesquisa, a oralidade na alfabetização infantil, será exposto no tópico a seguir.

4.2 A utilização da oralidade nas vozes dos professores alfabetizadores

Dando continuidade ao relato e análise da pesquisa com os professores alfabetizadores, na questão número 6, do roteiro de entrevista, perguntamos se os professores participam de congressos ou seminários que contemplam a sua prática educacional, quando participam, quais são eles e quantos por ano. Como respostas, obtivemos o seguinte:

P.A: “O município não oferece”.

P.B: “Sim, claro tecendo saberes, PNAIC, e outros que nos proporcionarem”.

P.C: “Sim, formação continuada de professores português, matemática e PNAIC (Programa nacional da alfabetização na idade certa) totaliza 3 ao anos”.

P.D: “Pro letramento formação continuada, tecendo saberes, o ano todo, PNAIC. Em média 2 seminários por ano”.

P.E: “Participei do seminário tecendo saberes e as formações continuadas pela SEMED e pela escola”.

Houve uma grande divergência nas respostas obtidas, pois, quatro professores disseram que sim, participam de seminários como: (tecendo os saberes), formações continuadas de português e matemática oferecidas pela SEMED e pela escola o ano todo, Pró-Letramento e PNAIC (programa nacional da alfabetização na idade certa). E um professor disse: “o município não oferece”, será que para ele todas essas práticas oferecidas aos professores durante todo o ano, não soma em nada, para um melhor profissional em sala de aula?

Considerando as lacunas deixadas pela formação inicial e as ligeiras mudanças sociais, políticas e tecnológicas, torna-se de fundamental importância que

os docentes realizem formação permanente, seja por meio de programas específicos, ou aqueles ofertados pela própria escola.

Em seguida os professores foram questionados, na pergunta número 7, sobre qual modalidade (oral ou escrita) eles deveriam priorizar e o porquê dessa preferência. Como respostas obtiveram o seguinte:

P.A: “Ambas, uma depende da outra”.

P.B: “Primeiramente oral, pois é por essa a criança vai adquirindo conhecimento, conceitos para escrita. A criança que Lê mesmo sem saber ler, troca ideias, visualiza as informações e aprende a gostar dessa prática tendo mais facilidade para escrita”.

P.C: “Os dois precisam caminhar juntos, geralmente priorizam mais a escrita. A criança precisa construir sua própria hipótese de escrita e para isso a gente precisa dar suporte como trabalhar diversos tipos de gêneros, textos memorizados (musicas trava-lingua, cantigas de roda, parlendas, quadrinhas e textos) que permite o aluno ir se familiarizando com as palavras onde facilita e mesmo ajustar o oral com escrita”.

P.D: “Oral e escrita, porque as duas caminham juntas e de mãos dadas. Uma completa a outra. Pois elas estão presentes no cotidiano de forma articulada. Uma contribui pra o desenvolvimento da outra. Não devemos priorizar nenhuma. Devemos trabalhar as duas juntas”.

P.E: “As duas, uma depende da outra”.

De acordo com os professores P.A, P.D e P.E, escrita e oralidade são interdependentes e ao mesmo tempo contribui para o crescimento cognitivo do aluno pôde se observado que os professores concordam plenamente com pensamento de Marcuschi:

(...) não há razão alguma para desprestigiar a oralidade e supervalorizar a escrita. Também não há razão alguma para continuar defendendo uma divisão dicotômica entre fala e escrita nem se justifica o privilégio da escrita sobre a oralidade. Ambas tem um papel importante a cumprir e não competem. Cada um tem sua arena preferencial nem sempre fácil de distinguir, pois são atividades discursivas complementares. Em suma, oralidade e escrita não estão em competição. Cada uma tem sua história e seu papel na sociedade (MARCUSCHI e DIONÍSIO, 2007, p.15).

O P.B entende que oralidade antecede a escrita, ou seja, pratica antes de ir à escola em seu reduto familiar e social,

a criança, o jovem ou o adulto já sabe falar com propriedade e eficiência comunicativa sua língua materna quando entra na escola, e sua fala influencia a escrita, sobretudo no período inicial da alfabetização (MARCUSCHI e DIONÍSIO, 2007, p.15).

O P.C entende que o oral e a escrita precisam caminhar juntas, mas que geralmente priorizam mais a escrita.

Certamente, todos nós falamos e ouvimos muito mais do que escrevemos ou lemos, mas o peso dessas práticas não é o mesmo sob o ponto de vista dos valores sociais (MARCUSCHI e DIONÍSIO, 2007, p.08).

Toda a sociedade supervaloriza a escrita, sendo que todos nós falamos mais, que escrevemos, desde que acordamos até ao deitar, falamos muito, é fato que existe uma competição, onde deveria existir o compartilhamento, o oral dependendo da escrita e vice versa.

Já na questão número 8, indagamos sobre qual a relevância da oralidade no contexto escolar, obtivemos as seguintes respostas:

P.A: “Ótima, a prática oral é desenvolvida de forma que o aluno é estimulado a pensar e transmitir opiniões sobre os assuntos diversos”.

P.B: “É de suma importância, pois devemos ouvir as crianças para que ela se expresse, a criança precisa dialogar sabendo falar e ouvir”.

P.C: “Muito importante nas séries iniciais, oportunizar momentos de conversa interação e socialização entre eles”.

P.D: “É muito importante, pois é através dela oralidade que a criança desenvolve a escrita”.

P.E: “É de grande importância, não só no contexto escolar, mas também no social, na sua vida”.

Todos os professores disseram que é de grande importância a oralidade no contexto escolar, o P.A afirma que a prática oral, desenvolve o cognitivo e o senso crítico dos alunos, o P.B, por sua vez, complementou que as crianças precisam ser ouvidas, com isso elas aprenderam a hora para falar e hora para ouvir seus colegas e professores, colocando ordem e limites. P.C diz que é de grande valia nas séries iniciais, que é onde o aluno está sendo alfabetizado, que comunga com a resposta do P.D, que diz que é através da oralidade que a criança desenvolve a escrita e P.E complementa que além do contexto escolar a oralidade faz parte da vida social, está enraizada em nossas vidas desde nosso nascimento.

Castilho (1998), nos diz que “não se acredita mais que a função da escola deve concentrar-se apenas no ensino da língua escrita, a pretexto de que o aluno já aprendeu a língua falada em casa”, essa colocação do autor expõe que o estudo da língua no contexto escolar é de uma importância imensurável na vida dos alunos.

Quando questionamos à medida que essas modalidades orais são trabalhadas no espaço escolar, se são trabalhadas e em caso afirmativo, como são trabalhadas, os professores responderam o seguinte:

P.A: “Sempre, no dia-a-dia da sala de aula com atividades em grupos, duplas, círculos, proposta propondo diálogos para os debates”.

P.B: “Diariamente, através de cartazes informativos na escola, placas de sinalização dos locais, leitura pela professora. Momento de leitura com os alunos na biblioteca mesmo sem saber ler (contato) leitura dos bilhetes para o aluno repassar cores, jogos regras”.

P.C: “Essa modalidade oral está inserida na nossa rotina semanal, no planejamento. Sim, são trabalhadas através de roda de conversa, leitura do professor em voz alta, leitura feito pelo aluno, na biblioteca, no conto e reconto de histórias”.

P.D: “De formas articulada e através de diagnósticos inicial para saber que conhecimentos a criança tem. Também tem Projeto e sequência didática na rotina diária Atividades da rotina diária, leitura de com diferentes gêneros textuais, com cartazes, musicas, rimas, lista de nomes próprios e grupos semânticos. Leitura diária pelo professor ou pais. Atividades com rótulos embalagem e outros. Atividades de escrito coletivo professor com o escriba, leitura lúdica de forma prazerosa”.

P.E: “Nas modalidades organizadas da escola que são os Projetos didáticos, sequências didáticas e atividades permanentes”.

Os professores em sua unanimidade responderam que as modalidades orais estão inseridas no dia-a-dia da sala de aula, faz parte da rotina semanal, no planejamento que eles fazem. O P.A respondeu que são trabalhadas em forma de atividades em grupo, propostas de diálogos para debates. O P.B disse que trabalha a oralidade através de cartazes informativos da escola, placas de sinalização dos locais, leitura feita pela professora, e leitura com os alunos na biblioteca mesmo sem saber ler, leitura dos bilhetes para o aluno e regras de jogos.

O P.C afirma que são trabalhadas através de roda de conversa, leitura do professor em voz alta, leitura feito pelo aluno na biblioteca, no conto e reconto de histórias. O P.D insere as modalidades orais nos Projetos e sequências didáticas, nas atividades de rotina diária que são leitura de diferentes gêneros textuais, como cartazes, músicas, rimas, lista de nomes próprios e grupos semânticos e também a leitura diária feita pelo professor ou pelos pais. E finalmente o P.E nos relata que as modalidades são trabalhadas em forma de Projetos didáticos, sequências didáticas e atividades permanentes. Todos esses relatos mostra que a oralidade está fazendo parte diariamente da rotina escolar, tanto na dos professores em seus

planejamentos e projetos didáticos quanto na vida escolar dos alunos com as atividades propostas a eles.

Na 10ª questão perguntamos como a oralidade, no contexto da alfabetização é trabalhada ou, noutros termos, como se dá sua abordagem, os professores responderam da seguinte forma:

P.A: “Leitura e escrita, criar, desenvolver um personagem, dramatizar, atividades com brincadeira, faz de conta.”.

P.B: “Pedindo ao aluno que conte sua novidade; Atividades de produção tendo o professor como escriba. Cantigas, adivinhas, em sala são algumas atividades inclusas na rotina”.

P.C: “É trabalhada como atividade permanente, todos os dias. Para despertar o gosto e o interesse do aluno pela leitura. O professor precisa ser modelo para desenvolver no aluno o comportamento de leitor e escritor”.

P.D: “De forma planejada e sistematizada com diferentes gêneros textuais”.

P.E: “A resposta mesma da anterior”.

Com essa questão, queremos identificar as particularidades da oralidade no processo de alfabetização, assim obtivemos as seguintes respostas, o P.A refere-se a leitura e escrita, criar, desenvolver um personagem, dramatizar, atividades com brincadeira e o faz de conta ajudam no contexto da alfabetização, o P.B pede aos seus alunos que conte as novidades, atividades de produção tendo o professor como escriba, cantigas e adivinhas.

O P.C já nos diz que a oralidade é trabalhada em atividades permanentes para despertar o interesse do aluno pela leitura e que o professor precisa ser modelo para desenvolver no aluno o comportamento de leitor e escritor. Houve um equívoco do professor, pois perguntamos sobre oralidade e não de leitura e escrita. O P.D responde que é de forma planejada e sistemática com diferentes gêneros textuais, a pergunta foi objetiva, é sobre oralidade e não escrita e o P.E fala que a resposta dessa pergunta é a mesma da anterior.

Houve uma disparidade entre pergunta e respostas que cria uma hipótese, será que esses professores sabem o real objetivo de suas atividades em sala de aula ou só aplicam os conteúdos sem saberem distinguir a oralidade de gêneros textuais.

Na última questão solicitamos que os professores, definissem Gêneros orais e dessem exemplos:

P.A: “É o conhecimento que já tem e pode ser expresso, falado oralmente”.

P.B: “É o conhecimento que se já tem e pode ser expressado falado (oralmente) sem necessidade de ser escrito. Tendo como suporte a voz”.

P.C: “São diversos tipos de textos, que ajuda desenvolver o sistema de escrita na alfabetização (textos memorizados, receitas, bilhete, contos de fadas, contos africanos, fábulas, textos informativos, textos institucional entre muitos outros)”.

P.D: “É tudo que desenvolvemos através das atividades de leitura, músicas, dramatização, Dança, contos, recontos. Leitura de rótulos, embalagem, propaganda, anúncios, leitura de forma prazerosa e lúdica, pesquisa, etc. linguagem materna. São conhecimentos que se tem e pode ser expressado oralmente e sem ser necessário o uso da escrita”.

P.E: “Gêneros orais são livros literários, parlendas, trava língua e muitas outras”.

Para iniciarmos Travaglia (2013) estabeleceu que gênero oral é aquele que tem como suporte a voz humana e que foi produzido para ser realizado oralmente, utilizando-se a voz independentemente de ter ou não uma versão escrita. Com essas palavras do autor, observamos que o professor P.A e P.B estão em coerência quando dizem que gênero oral é um conhecimento que pode ser expressado oralmente sem a necessidade de ser escrito e quanto aos exemplos que pedimos, nenhum dos dois relataram.

O P.C declara que gêneros orais são diversos tipos de textos, que ajudam a desenvolver o sistema de escrita na alfabetização, em um ponto o entrevistado está em coerência com nosso autor, mas em contra partida, gêneros orais são primariamente na forma oral e quanto aos exemplos, ele concedeu alguns como: textos memorizados, receitas, bilhete, contos de fadas, contos africanos, fábulas, textos informativos, textos institucionais que na sua primazia converge com gêneros orais. A resposta de P.D pactuou com as declarações do nosso autor, quando exprime que gêneros orais são conhecimento que se tem e pode ser expressado oralmente e sem ser necessário o uso da escrita e seus exemplos foram atividades de leitura, músicas, dramatização, dança, contos, recontos, leitura de rótulos, embalagem, propaganda, anúncios, leitura de forma prazerosa e lúdica, pesquisa. P.E ficou somente com os exemplos e não definiu gêneros orais.

Novamente houve desentendimento entre pergunta e respostas, que nos leva a concluir que os entrevistados não têm concepções sólidas sobre oralidade e gêneros orais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo desenvolver uma reflexão sobre oralidade e letramento, como já apresentado na introdução desta monografia, partindo dessa perspectiva, discutimos os modos da abordagem dos professores da alfabetização em relação à oralidade e o letramento.

Sabe-se que a linguagem oral é determinante na vida do aluno, pois toda a produção do conhecimento parte dessa linguagem. Sendo a fala o principal instrumento de comunicação, valorizar e aprimorar o trabalho com a oralidade dentro da sala de aula constituem-se recursos preciosos de aprendizagem.

A linguagem oral é uma atividade livre e se inicia desde os primeiros meses, quando o bebê emite sons evidenciando a comunicação entre os que estão próximos. Aos poucos esses balbucios vão se tornando palavras, frases, e a criança se comunica definitivamente com o mundo ao seu redor, e quanto mais a criança exercita a fala, mais ela se aprimora e percebe o uso social da fala.

A linguagem oral da criança tem de ser trabalhada desde o início de sua vida na escola e esse trabalho é determinante. O professor precisa ter profissionalismo e disposição para trabalhar a oralidade do aluno. No entanto, é essencial, perceber que a linguagem oral é um processo dinâmico, que se desenvolve quando se entra em contato com situações de modo altamente significativo, em diferentes interações, por isso, deve ser trabalhada, metodicamente desde o início para um melhor desempenho do discurso argumentativo do dia a dia. De acordo com a pesquisa realizada com professores alfabetizadores de uma escola da rede pública de ensino infantil e fundamental, o trabalho com a oralidade é considerado de suma importância.

Enfim, após a pesquisa de campo, o que se pode concluir é que a classe de professores, em sua grande maioria, tem consciência da importância de se trabalhar a oralidade de seus alunos na sala de aula, compreendendo que um investimento válido e bem estruturado da oralidade, só poderá trazer repercussões positivas ao indivíduo. Pode-se afirmar que a pesquisa de campo realizada na instituição de ensino teve como principal fruto fazer com que os professores refletissem com mais profundidade sobre a sua prática pedagógica em relação à oralidade da criança.

A oralidade é um desafio para o professor, pois requerem mudanças significativas na sua prática pedagógica, Fávero (2002) diz que o professor não vai

ensinar o aluno a falar, mas sim ajuda-lo a identificar a imensa riqueza e variedade do uso da língua, nosso país tem uma enorme variação linguística, com o professor como mediador, posicionará o aluno em diferentes níveis da língua, fazendo com que o aluno faça a variação da língua, do coloquial ao formal, como explana Bechara (1985), tornando o aluno um “poliglota dentro de sua própria língua” sem esquecer que fala e escrita não podem ser desconectadas, elas são peças da mesma engrenagem, precisam está conectadas para um bom funcionamento do conjunto.

Finalizamos essa monografia, mas os pontos aqui abordados continuarão sendo motivo de nossa preocupação e interesse.

Esperamos ter contribuído de alguma forma para a compreensão da temática que levantamos.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Ensino de gramática: Opressão? Liberdade?** São Paulo, Ática, 1985.

BOCCATO. V. R. C; **metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação.** Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo 2006 set-dez. Disponível em: (http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf) acessado em: 04-05-2016.

CASTILHO, A. T. **A língua falada no ensino de português.** São Paulo: Contexto, 1998.

CHAER. R. M; GUIMARÃES. A. G. E. **A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.** Pergaminho, Centro Universitário de Patos de Minas (3):71 88,nov. 2012. Disponível em: (<http://pergaminho.unipam.edu.br/documents/43440/43870/a-importancia.pdf>) acessado em: 15-10-2015.

Projeto Político Pedagógico.

FÁVERO, L.L; ANDRADE, M. L. C. V. O; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna** – 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSHI, L. A, **Concepção De Língua Falada Nos Manuais De Português De 1º E 2º Graus:** Uma Visão Crítica,Trab.Ling.Apl., Campinas, (30):39-79, Jul/Dez.1997. Disponível em (<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/viewFile/8639270/6866>) acessado em: 23-11-2015.

MARCUSCHI, L. A; DIONÍSIO, A. P, (orgs.). **Fala e Escrita.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSHI. L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In; Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Parábola, 2010.

Projeto Político Pedagógico.

PANSINI, F; ZIBETTI, T, L, M. **Letramento e prática pedagógica: interação e linguagem oral na escola** Disponível em([file:///C:/Users/Usuario/Downloads/1653-2140-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/1653-2140-1-PB%20(1).pdf)) acessado em: 07-10-2015.

SADOYAMA. P. S. A. **Gêneros Textuais e Ensino de Língua Portuguesa.** Disponível em: (www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume4/adriana_santos.pdf) acessado em: 12- 01- 2016.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

TRAVAGLIA, L. C, **Gêneros orais – conceituação e caracterização**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: (http://www.ileel.ufu.br/travaglia/artigos/artigo_generos_orais_conceituracao_caracterizacao.pdf) acessado em: 01-05-2015.

ANEXOS

Análise das entrevistas

| Sujeitos | Questão 1: sua idade |
|----------|-----------------------------|
| P.A | 30 anos |
| P.B | 38 anos |
| P.C | 38 anos |
| P | 40 anos |
| P.E | 42 anos |

| Sujeitos | Questão 2: sexo |
|----------|------------------------|
| P.A | Masculino |
| P.B | Feminino |
| P.C | Feminino |
| P.D | Feminino |
| P.E | Feminino |

| Sujeitos | Questão 3: qual é a sua formação |
|----------|---|
| P.A | Pedagogia, licenciatura em teologia, bacharel em teologia, filosofia, psicanalista, clínico e terapeuta floral. |
| P.B | Magistério, e curso superior letras/espanhol. |
| P.C | Normal superior de séries iniciais |
| P.D | Pedagogia séries iniciais |
| P.E | Pedagogia educação infantil e séries iniciais |

| Sujeitos | Questão 4: quanto tempo de atuação na educação |
|----------|---|
| P.A | 10 anos |
| P.B | 17 anos |
| P.C | 8 anos |
| P.D | 10 anos |

| | |
|-----|--------|
| P.E | 3 anos |
|-----|--------|

| | |
|----------|--|
| Sujeitos | Questão 5: quanto tempo de atuação na alfabetização |
| P.A | 3 anos |
| P.B | 8 anos |
| P.C | 8 anos |
| P.D | 7 anos |
| P.E | 1 ano |

| | |
|----------|--|
| Sujeitos | Questão 6: participa de congressos ou seminários que contempla a sua prática educacional?Quais?Quantos por ano? |
| P.A | O município não oferece |
| P.B | Sim, claro tecendo saberes, PNAIC, e outros que nos proporcionarem. |
| P.C | Sim, formação continuada de professores português, matemática e PNAIC (Programa nacional da alfabetização na idade certa) totaliza 3 ao anos |
| P.D | Pro letramento formação continuada, tecendo saberes, o ano todo, PNAIC. Em média 2 seminários por ano |
| P.E | Particpei do seminário tecendo saberes e as formações continuadas pela SEMED e pela escola. |

Aspectos Pedagógicos

| | |
|----------|---|
| Sujeitos | Questão 7: Em sua concepção devemos priorizar qual modalidade (oral ou escrita)? |
| P.A | Ambas, uma depende da outra. |
| P.B | Primeiramente oral, pois é por essa a criança vai adquirindo conhecimento, conceitos para escrita. A criança que Lê mesmo sem saber ler, troca ideias, visualiza as informações e aprende a gostar dessa prática tendo mais facilidade para escrita. |
| P.C | Os dois precisam caminhar juntos, geralmente priorizam mais a escrita. A criança precisa construir sua própria hipótese de escrita e para isso a gente precisa dar suporte como trabalhar diversos tipos de gêneros, textos memorizados (musicas trava-lingua, cantigas de roda, parlendas, quadrinhas e textos) que permite o aluno ir se familiarizando com as palavras onde facilita e mesmo ajustar o oral com escrita. |

| | |
|-----|--|
| P.D | Oral e escrita, porque as duas caminham juntas e de mãos dadas. Uma completa a outra. Pois elas estão presentes no cotidiano de forma articulada. Uma contribui pra o desenvolvimento da outra. Não devemos priorizar nenhuma. Devemos trabalhar as duas juntas. |
| P.E | As duas, uma depende da outra. |

| | |
|----------|---|
| Sujeitos | Questão 8: em sua opinião qual a relevância da oralidade no contexto escolar? |
| P.A | Ótima, a prática oral é desenvolvida de forma que o aluno é estimulado a pensar e transmitir opiniões sobre os assuntos diversos. |
| P.B | É de suma importância, pois devemos ouvir as crianças para que ela se expresse, a criança precisa dialogar sabendo falar e ouvir. |
| P.C | Muito importante nas séries iniciais, oportunizar momentos de conversa interação e socialização entre eles. |
| P.D | É muito importante, pois é através dela oralidade que a criança desenvolve a escrita. |
| P.E | E de grande importância, não só no contexto escolar, mas também no social, na sua vida. |

| | |
|----------|--|
| Sujeitos | Questão 9: Em que medida essas modalidades orais são trabalhadas no espaço escolar? São trabalhadas? Em caso afirmativo, como são trabalhadas? |
| P.A | Sempre, no dia-a-dia da sala de aula. |
| P.B | Diariamente. Através de cartazes informativos na escola, placas de sinalização dos locais, leitura pela professora. Momento de leitura com os alunos na biblioteca mesmo sem saber ler (contato) leitura dos bilhetes para o aluno repassar cores, jogos regras. |
| P.C | Essa modalidade oral está inserida na nossa rotina semanal, no planejamento. Sim, são trabalhadas através de roda de conversa, leitura do professor em voz alta, leitura feito pelo aluno, na biblioteca, no canto e recanto de histórias. |
| P.D | De formas articulada e através de diagnósticos inicial para saber que conhecimentos a criança tem. Também tem Projeto e sequência didática na rotina diária. |
| P.E | Nas modalidades organizadas da escola que são os Projetos didáticos, sequências didáticas e atividades permanentes. |

| | |
|---------|---|
| Sujeito | Questão 10: como a oralidade no contexto de alfabetização, é trabalhada ou, noutros termos, como se dá sua abordagem? |
| P.A | Leitura e escrita, criar, desenvolver um personagem, dramatizar, atividades com brincadeira, faz de conta. |
| P.B | Pedindo ao aluno que conte sua novidade; Atividades de produção tendo o professor como escriba. Cantigas, adivinhas, em sala são algumas atividades inclusas na rotina. |
| P.C | É trabalhada como atividade permanente, todos os dias. Para despertar o gosto e o interesse do aluno pela leitura. O professor precisa ser modelo para desenvolver no aluno o comportamento de leitor e escritor. |
| P.D | De forma planejada e sistematizada com diferentes gêneros textuais. |
| P.E | A resposta mesma da anterior. |

| | |
|---------|---|
| Sujeito | Questão 11: defina gêneros orais? Exemplifique? |
| P.A | É o conhecimento que já tem e pode ser expresso, falado oralmente. |
| P.B | É o conhecimento que se já tem e pode ser expressado falado (oralmente) sem necessidade de ser escrito. Tendo como suporte a voz. |
| P.C | São diversos tipos de textos, que ajuda desenvolver o sistema de escrita na alfabetização (textos memorizados, receitas, bilhete, contos de fadas, contos africanos, fabulas, textos informativos, textos institucional entre muitos outros). |
| P.D | É tudo que desenvolvemos através das atividades de leitura, músicas, dramatização, Dança, contos, recontos. Leitura de rótulos, embalagem, propaganda, anúncios, leitura de forma prazerosa e lúdica, pesquisa, etc. linguagem materna. São conhecimentos que se tem e pode ser expressado oralmente e sem ser necessário o uso da escrita. |
| P.E | Gêneros orais são livros literários, parlendas, trava língua e muitas outras. |

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES (AS) ALFABETIZADORES (AS)

Roteiro de entrevista semiestruturada aplicado aos professores alfabetizadores da Rede Municipal de Ensino de Ariquemes-RO para a composição da pesquisa de TCC (UNIR): **Oralidade e Letramento: um estudo sobre a concepção de fala e escrita de professores do ciclo de alfabetização.**

DADOS PESSOAIS

- Nome do professor (a)?

- Sua idade?

- Sexo () Masculino () Feminino

- Qual é sua formação?
- Quanto tempo de atuação na educação?
- Quanto tempo de atuação na alfabetização?
- Participa de congressos ou seminários que contempla a sua prática educacional? Quais? Quantos por ano?
- Em sua concepção devemos priorizar qual modalidade (oral ou escrita)? Explique?
- Em sua opinião qual a relevância da oralidade no contexto escolar?
- Em que medida essas modalidades orais são trabalhadas no espaço escolar? São trabalhadas? Em caso afirmativo, como são trabalhadas?
- Como a oralidade, no contexto de alfabetização, é trabalhada ou, noutros termos, como se dá sua abordagem?
- Defina Gêneros Oraís? Exemplifique?
